

Uma proposta de análise semiótica da canção *A história de Lily Braun*

Gisele Montoza Felício¹
giselemfelicio@uol.com.br
Sheila Darcy Antonio Rodrigues²
sheila.darcy@uol.com.br

Resumo: O presente artigo busca, por meio do auxílio de teorias da semiótica discursiva de linha francesa, mostrar uma possível análise do conteúdo poético da canção “A história de Lily Braun”, de Chico Buarque e Edu Lobo, a fim de verificar o porquê da atualidade do texto, mesmo quase trinta anos após seu lançamento no mercado fonográfico. A canção trata da constante busca do ser humano pela felicidade e de como ele, muitas vezes enganado por ilusões sobre que é certo ou errado, e tomando como base as regras definidas pela sociedade em que vive, acaba se tornando infeliz e aprisionado.

Palavras-chave: Lily Braun; Chico Buarque; Edu Lobo; semiótica; canção.

Abstract: In this article we are looking for a possible analysis of the poetic content of the song “A história de Lily Braun”, written by Chico Buarque and Edu Lobo, using the French discursive semiotics theories, in order to observe why this text is so up-to-date, even almost thirty years after its premier in the music industry. The song deals with the constant search for happiness by the human beings and how they are often tricked by illusions about what is right or wrong, based on the rules set by society, which often leads them to being unhappy and “unfree”.

Keywords: Lily Braun; Chico Buarque; Edu Lobo; semiotics; song.

No presente artigo busca-se propor uma análise, baseada na semiótica discursiva de linha francesa, da letra da canção “A história de Lily Braun”, de Chico Buarque e Edu Lobo. A semiótica é a área de estudo que tem como objeto o texto, e busca a descrição e a explicação de como ele diz e como ele faz para dizer o que diz. Portanto, antes de iniciar a análise, torna-se necessário revisar a noção de texto, o objeto de estudo da semiótica, que

se define de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um “todo de sentido”, como objeto de comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário. A primeira concepção de texto, entendido como objeto de significação, faz com que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido”. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de análise interna ou estrutural do texto[...]. A segunda caracterização de texto não mais o toma como objeto de significação, mas como objeto de comunicação entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos

¹ Mestranda em Letras, bolsista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel em Letras com habilitação Tradução português/francês/inglês pela UPM. Licenciatura Plena em História pela UNIFAI.

² Mestranda em Letras, bolsista do Programa de Pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduada em Letras, Licenciatura Espanhol/Português e Bacharelado em Edição pela UPM.

culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. (BARROS, 2005, p. 7).

É importante observar que o texto, para a semiótica, pode ser tanto linguístico (oral ou escrito), como gestual ou visual (dança, pintura), ou ainda, o que é mais comum, um texto sincrético (filme, canção).

Para que a semiótica possa explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”, deve-se examinar tanto os procedimentos de organização textual, como os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto, uma vez que

o texto só existe quando concebido na dualidade que o define — objeto de significação e objeto de comunicação — e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido (BARROS, 2005, p. 7).

Desse modo, a fim de prosseguir com a análise semiótica da canção “A história de Lily Braun”, trataremos, a seguir, de situar e contextualizar a obra. É importante também salientar que será observada apenas a letra da referida canção, apresentada a seguir, e que não será levado em conta, neste presente estudo, o seu substrato musical.

A história de Lily Braun

Como num romance
O homem dos meus sonhos
Me apareceu no *dancing*
Era mais um
Só que num relance
Os seus olhos me chuparam
Feito um *zoom*
Ele me comia
Com aqueles olhos
De comer fotografia
Eu disse *cheese*
E de close em close
Fui perdendo a pose
E até sorri, feliz
E voltou
Me ofereceu um drinque
Me chamou de anjo azul
Minha visão
Foi desde então ficando *flou*
Como no cinema

Me mandava às vezes
Uma rosa e um poema
Foco de luz
Eu, feito uma gema
Me desmilinguindo toda
Ao som do blues
Abusou do scotch
Disse que meu corpo
Era só dele aquela noite
Eu disse please
Xale no decote
Disparei com as faces
Rubras e febris
E voltou
No derradeiro show
Com dez poemas e um buquê
Eu disse adeus
Já vou com os meus
Numa turnê
Como amar esposa
Disse ele que agora
Só me amava como esposa
Não como star
Me amassou as rosas
Me queimou as fotos
Me beijou no altar
Nunca mais romance
Nunca mais cinema
Nunca mais drinque no dancing
Nunca mais cheese
Nunca uma espelunca
Uma rosa nunca
Nunca mais feliz

Essa canção é parte da trilha sonora do espetáculo musical brasileiro *O grande circo místico*, de 1983, criado para o Balé do Teatro Guaíra, que envolvia música, dança, ópera, teatro e poesia e que obteve um grande êxito, tendo sido assistido por mais de 200 mil pessoas e apresentado pelo Brasil e em Portugal.

A inspiração para esse espetáculo foi o poema homônimo de Jorge de Lima, pertencente à obra *A túnica inconsútil*, de 1938. A obra conta a história da saga de uma família austríaca proprietária do Grande Circo Knieps, que se apresentava pelo mundo nas primeiras décadas do século XX, e de um grande amor entre um aristocrata e uma acrobata.

A sua trilha sonora foi composta por Chico Buarque e Edu Lobo e interpretada por grandes nomes da Música Popular Brasileira, como [Milton Nascimento](#), [Gal Costa](#), [Simone](#) e

[Zizi Possi](#), entre outros. Um disco com a trilha sonora foi lançado pela gravadora [Som Livre](#), em [1983](#).

A canção “A história de Lily Braun” foi interpretada originalmente pela cantora Gal Costa e faz parte da cena XII do primeiro ato, na qual estão presentes os personagens Otto Frederic – o herdeiro do circo – e a vedete Lily Braun, que não pertence ao mundo do circo e sim está ligada ao carro-cabaré. Ela acaba sendo seduzida por Otto, com rosas e poemas, e eles terminam por se casar. Devido a seu casamento com Otto, Lily perde seu brilho de estrela e sua vida de aventuras, passando a estar inserida em uma nova cultura – a circense –, e não se contenta com esse fato.

A semiótica leva o leitor à construção de sentido de um texto, pois ela permite chegar ao que o texto quer dizer e como quer dizer. Para tanto, é necessário que seja feita a análise da organização interna e estrutural do texto, assim como o contexto em que se encontra.

Essa análise interna pode ser desenvolvida a partir de um percurso gerativo de sentido em que notadamente são observados três níveis de significação, cada qual com sua organização sintática e semântica. O nível fundamental, que se estabelece na forma mais simples e abstrata, indicando as oposições fundamentais que alicerçam as tensões semânticas do texto; o nível narrativo, em que ocorre uma sucessão de estados que se transformam e geram outros estados; e, por fim, o nível discursivo, em que se estuda a concretização da instância da enunciação no discurso.

O nível fundamental pode compreender um ou mais pares oposicionais que desencadeiam os conteúdos do texto. A canção estudada é a história, como o próprio título afirma, de Lily Braun, uma personagem que é a narradora e que trabalha em um cabaré: “Me apareceu no *dancing* (...) Já vou com os meus numa turnê...”; entre tantos clientes, “Era mais um...”; espera romanticamente pelo príncipe encantado como em um filme de cinema, cujo final é sempre feliz, “Como num romance / O homem dos meus sonhos me apareceu...”. A categoria semântica se encontra na oposição felicidade versus infelicidade: “Fui perdendo a pose / E até sorri, feliz (...) / Nunca mais romance (...) / Nunca mais feliz”. A felicidade, alcançada por meio do encontro com o homem dos sonhos, é o momento eufórico de Lily Braun, mas se torna disfórico depois do casamento: “Me beijou no altar / Nunca mais romance / Nunca mais cinema (...) / Nunca mais feliz”. A oposição felicidade/infelicidade pode também ser complementada pela tensão ilusão/realidade, pois o homem dos sonhos de Lily torna-se outro homem depois do casamento. E ainda, se considerarmos Lily como objeto

de posse para o homem dos sonhos, podemos trabalhar com a dualidade liberdade versus prisão.

Quanto ao nível narrativo, entende-se que o percurso narrativo, ou seja, a organização de um texto, desenvolve-se na sucessão de estados e de transformações de estados por meio da intervenção de um sujeito. E, no emaranhado dessas transformações, notam-se os contratos sociais que são ora estabelecidos ora rompidos entre os sujeitos. No nível das estruturas narrativas, o papel sintático é cumprido pelos actantes que interagem por meio de uma relação de transitividade. O sujeito (actante) está relacionado em conjunção ou disjunção com o objeto. Em uma narrativa, há sempre pelo menos dois sujeitos que procuram um mesmo objeto de valor. No texto em questão, será analisado o percurso narrativo da personagem Lily, cujo objeto de valor é a felicidade. O objeto de valor do outro sujeito, o homem dos sonhos, é a posse de Lily por meio do casamento.

O sujeito Lily está em disjunção com seu objeto de valor (felicidade), pois idealiza um homem que seja capaz de transformar a sua vida e lhe oferecer um final feliz como nos contos de fada ou nos romances de cinema. A partir do momento em que esse homem aparece e começa um jogo de sedução, Lily entra em conjunção com seu objeto de valor: “Fui perdendo a pose / E até sorri, feliz”. Contudo, o casamento, que seria a consagração máxima do amor romântico, não traz a felicidade, mas a infelicidade. Percebe-se, então, por meio das transformações de estado que ocorrem com os sujeitos, que o sujeito Lily parte de um estado inicial disjunto para um estado conjunto e, posteriormente, para um estado final novamente disjunto.

As transformações referidas acima se organizam em uma sequência canônica, apresentada pela teoria semiótica por meio de um de seus precursores, Vladimir Propp³. Essa sequência pressupõe três percursos narrativos:

Manipulação – percurso do destinador-manipulador;

Ação – percurso do sujeito;

Sanção – percurso do destinador-julgador.

O primeiro percurso a ser analisado é o da manipulação. Nele, o sujeito-destinador propõe um contrato ao sujeito-destinatário que leve este à ação. O destinador transmite ao

³Estruturalista russo que analisou os componentes básicos do enredo dos contos russos visando a identificar os elementos narrativos elementares.

destinatário um querer e/ou dever fazer, que pode ser concretizado por tentação, intimidação, sedução ou provocação. Na canção, Lily é manipulada pelo homem dos sonhos por meio da sedução e da tentação. Para seduzi-la, o homem lhe atribui um adjetivo, fazendo alusão a um filme alemão⁴ (“Me chamou de anjo azul”), e para tentá-la, trata-a com distinção, fazendo-a sentir-se mais importante do que em outras situações com outros clientes do cabaré: “Me ofereceu um drinque”; “Me mandava às vezes / Uma rosa e um poema”; “Disse que meu corpo / Era só dele aquela noite”.

O segundo percurso a ser analisado é o da ação, em que será observado o programa narrativo da competência, quando o sujeito quer ou deve e pode ou sabe fazer. Nesse programa não existe polêmica, pois as duas partes partilham do mesmo valor sem que uma das partes o perca. Para Lily, o casamento é um valor intermediário (modal), pois pode levá-la a alcançar seu objeto de valor descritivo (felicidade) e não entra em conflito com o objeto de valor do homem dos sonhos, cujo objeto de valor descritivo é a posse de Lily por meio do casamento. Quando Lily anuncia que vai viajar em turnê, o homem lhe oferece seu objeto de valor modal (casamento): “Como amar esposa / Disse ele que agora / Só me amava como esposa / Não como *star*”.

O outro programa narrativo a ser analisado é o da performance. Nele, ocorre a transformação principal da narrativa, por meio da qual ocorre a apropriação do valor descritivo. Percebe-se, então, que o objeto de valor descritivo do homem e o objeto de valor modal de Lily são alcançados. O programa performático resulta na ação transformadora do casamento sobre a vida dos sujeitos. Lily passa a ser o sujeito atualizado que sabe e pode fazer a mudança de estado de sua vida: “Me amassou as rosas / Me queimou as fotos / Me beijou no altar”.

O terceiro percurso a ser verificado é o da sanção. Nele, o sujeito reconhece se de fato a performance aconteceu. O destinador examina os resultados e verifica se o sujeito cumpriu o contrato estabelecido no percurso da manipulação. O valor modal (casamento) oferecido a Lily teve um custo que não lhe garantiu a aquisição de seu objeto de valor descritivo (felicidade). Ela abandonou o seu passado para casar-se com o homem dos sonhos e percebe que, ao fazer essa escolha, abriu mão daquilo que ela já possuía e não sabia – a felicidade: “Me amassou as rosas / Me queimou as fotos / Me beijou no altar / Nunca mais romance / Nunca mais drinque no *dancing* / Nunca mais *cheese* / Nunca espelunca / Uma rosa nunca / Nunca mais feliz”.

⁴ O filme referido na canção é *O Anjo Azul* (1930), de Josef von Sternberg, estrelado por Marlene Dietrich.

Para Lily, o contrato estabelecido com seu homem não foi cumprido, pois ele lhe deu o casamento, mas ela teve de renunciar à vida de *glamour* e de *star*: “Nunca mais romance / Nunca mais cinema / Nunca mais drinque no *dancing*”. Entretanto, ao observar o programa narrativo de performance do homem dos sonhos, verifica-se que ele é um sujeito competente e que realizou seu percurso tornando-se um sujeito realizado, pois alcança seu valor descritivo – a posse de Lily por meio do casamento.

Por fim, deve-se observar o nível discursivo, no qual ocorre a conversão das estruturas narrativas em estruturas discursivas, uma vez que o sujeito da enunciação opera suas escolhas de tempo, espaço e pessoa para transformar a narrativa em um discurso com a finalidade de persuadir seu destinatário. Dessa forma, na sintaxe discursiva observam-se quais foram os procedimentos utilizados na construção do discurso e quais foram os efeitos de sentido provocados por eles para a obtenção de sua finalidade.

Em “A história de Lily Braun”, podemos observar o emprego da desembreagem enunciativa⁵ que ocorre em primeira pessoa, o uso do eu (Lily), como narradora da própria história, o que pode ser observado através do uso dos pronomes “meus”, “me”, como em: “O homem dos meus sonhos / Me apareceu no *dancing*” e “Ele me comia”. Esse recurso é utilizado para produzir o efeito de aproximação e também de subjetividade no texto, uma vez que se está em contato apenas com uma versão dos fatos.

Com relação ao tempo, podemos notar a presença de desembreagens alternadas uma vez que temos tanto o tempo do agora, da narração dos fatos (“Disse ele que agora / Só me amava como esposa”), quanto o tempo do então, marcado pelo verbo no pretérito (“Me ofereceu um drinque / Me chamou de anjo azul”). E no espaço também estão presentes as desembreagens alternadas, uma vez que o discurso apresenta o que está acontecendo aqui (casa), em oposição ao que acontecia lá (cabaré): “Nunca mais romance / Nunca mais cinema / Nunca mais drinque no *dancing*”. Com a utilização desses efeitos, torna-se possível observar a aproximação e o distanciamento, tanto do tempo como do espaço, que são marcas do discurso de narração de um fato biográfico.

Já a semântica discursiva observa a tematização, que dá unidade ao texto e à figurativização do discurso. A canção “A história de Lily Braun” é um texto que trata do tema da busca pela felicidade, e é predominantemente figurativo.

⁵ Desembreagem enunciativa é o efeito em que o autor confere ao texto parte de sua subjetividade, projetando o seu “eu” e dessa forma se aproxima da narrativa.

A personagem possui um nome estrangeiro caracteristicamente adotado como “nome de guerra” por dançarinas e prostitutas, o que causa um efeito de ancoragem, pois cria um simulacro da realidade. Portanto, o ator Lily possui um papel actancial⁶ (dançarina de cabaré) e um papel temático por meio da figurativização (Lily Braun). Esse percurso temático e figurativo é garantido pela presença de isotopias.

A isotopia é a reiteração de traços semânticos. Na canção, encontramos isotopias que reiteram temas relacionados às artes. Como já discutido anteriormente, o cinema aparece como traço semântico que reforça a temática do amor romântico, do amor idealizado por Lily Braun, assim como as figuras: romance, sonhos, cinema, anjo azul, altar. Outra isotopia utilizada é a da fotografia e está diretamente relacionada à sedução e manipulação exercida pelo homem dos sonhos, que desfoca a visão de Lily, fazendo-a não enxergar direito o que pode estar por detrás da sedução, até alcançar seu objeto de valor: *zoom*, fotografia, close, *cheese*, pose, visão, *flou*, foco de luz. É importante também realçar que as isotopias reiteram a presença de um espaço artístico e glamoroso em que Lily está inserida. Contudo, esse *glamour* é desconstruído pelo acréscimo de uma palavra deslocada do contexto – espelunca. Com certeza, essa palavra é um desencadeador que gera novas leituras e coloca em questionamento o sentido de felicidade para os sujeitos actantes.

Entretanto, existe outra isotopia relacionada às palavras de origem inglesa que não somente reiteram o traço semântico do *glamour*, como atribui um traço sensorial por meio da pronúncia e sonoridade, o que está relacionado ao plano de expressão do discurso: *dancing*, *zoom*, *cheese*, *close*, *drinque*, *blues*, *scotch*, *please*, *show*, *star*. Outros traços sensoriais estão presentes, como o tato e olfato, que são garantidos pelo uso das figuras das rosas e do buquê, pois ambas as palavras evocam o olfato e o tato, respectivamente, devido ao perfume e à manipulação, dos mesmos, pela protagonista.

Por fim, importa ressaltar que o texto está inserido em um dado momento histórico, social e cultural. Esse contexto foi apresentado no início do presente trabalho, e pôde ser observado que o texto dialoga com este contexto, num processo de dialogicidade interna, preconizada por Mikhail Bakhtin:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento,

⁶ Papel actancial – papel de atuação do participante ativo em qualquer forma de narrativa.

como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 2010, p. 86)

A História não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é que é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição das vozes que se entrecrocaram na arena da realidade. (FIORIN, 2010, p. 59)

Contudo, a canção também dialoga com outro texto, em um processo de interdiscursividade e intertextualidade quando faz alusão à figura do anjo azul. No filme homônimo, um professor sério e respeitado se envolve com uma dançarina de cabaré (interpretada por Marlene Dietrich). Por causa da paixão pelo Anjo Azul, o professor perde tudo e passa a viver em função de sua amada, mas longe da verdadeira felicidade. Essa análise dialógica reforça a utilização da figura do cinema, mas mantém com o hipotexto⁷ uma relação polêmica, uma vez que, não é o dono do circo que, como o professor, larga tudo para viver o amor e buscar a felicidade, mas a bailarina Lily que abandona sua vida para viver com o seu amado.

A proposta de uma análise da canção *A história de Lily Braun*, baseada na semiótica discursiva de linha francesa, procura observar o que esse texto nos diz e quais são os recursos empregados para que ele possa dizer o que diz. Por meio do reconhecimento do percurso gerativo do sentido foi, então, possível notar que em seu nível fundamental a canção é um texto que, de forma bem estruturada, apresenta os pares fundamentais *felicidade/infelicidade*, *ilusão/realidade* e *liberdade versus prisão*, a partir dos quais seu sentido é construído.

Assim, pode-se concluir que, devido à presença dos pares fundamentais *felicidade/infelicidade*, *ilusão/realidade* e *liberdade versus prisão*, na poética da canção *A história de Lily Braun*, ela se torna capaz de nos mostrar a constante busca do ser humano pela felicidade e como ele, muitas vezes, enganado por ilusões sobre que é certo ou errado e tomando como base as regras definidas pela sociedade em que vive, acaba se tornando infeliz e aprisionado.

Pode-se observar, ainda, que essa canção de Chico Buarque e Edu Lobo lida com temáticas universais e inerentes ao ser humano, o que faz com que, após quase 30 anos de seu lançamento, ela possa ser considerada atual, e seja constantemente regravada – como é possível se verificar nas gravações de Maria Gadú, em seu álbum de estreia *Maria Gadú*

⁷ Hipotexto é uma obra inicial que serve de referência para a composição de outras obras.

(2009) e o álbum *Elo* (2011), de Maria Rita. Essas novas versões apenas confirmam que a busca angustiante pela felicidade continua sendo um anseio da humanidade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – A teoria do Romance*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do Discurso. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística II. Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. *Teoria do discurso fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2002.
- _____. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BUARQUE, Chico; LOBO, Edu. “A história de Lily Braun”. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=ahislili_82.htm>. Acesso em: 12 nov. 2011.
- DIETRICH, Peter. *Semiótica do discurso musical: uma discussão a partir das canções de Chico Buarque*. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-12012009-155735/pt-br.php>>. Acesso em: 12 out. 2011.
- FIORIN, José Luís. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2010.